

O PRESIDENTE E O MERCADO: 'Quando não sabem o que ocorre, falam em inglês'

# 'País deve se preocupar menos com Nasdaq e mais com seus problemas'

FH afirma que Brasil tem que criar condições para crescer com independência

• SÃO PAULO. O presidente Fernando Henrique disse ontem que o Brasil deve olhar menos para o que acontece nos mercados mundiais e se concentrar nos problemas internos que obstruem o pleno crescimento. Falando de improviso aos empresários presentes na 1ª Conferência Nacional da Indústria da Construção, em São Paulo, ele afirmou que o Governo conseguiu criar condições que propiciam um horizonte mais saudável para a economia. Por isso, ao contrário do que aconteceu nos últimos anos, o país não está mais "sob a espada ameaçadora do que possa acontecer lá fora".

## Presidente ironiza economistas

Referindo-se às aflições de economistas e empresários brasileiros com os recentes problemas nas bolsas americanas e as consequências no país de uma nova elevação dos juros nos Estados Unidos, o presidente comentou:

— É equivocado imaginar que a economia líder (a americana) seja o único foco de bem e de mal. E nós, brasileiros, em vez de vivermos com os olhos grudados na Nasdaq, ou outro palavrão que seja, devemos olhar para dentro do país e criar condições de crescer independentemente — disse, citando a Nasdaq, a bolsa dos EUA em que são negociadas ações das empresas de tecnologia de ponta, que compõem a chamada nova economia.

Citando a expressão *soft landing* (aterriagem suave),



O MINISTRO ALCIDES Tápias em fórum da construção civil em São Paulo

usada pelo economista Paul Krugman para descrever o esperado arrefecimento da economia americana, o presidente disse que ao Brasil pouco importa se ela será *soft* (suave) ou *hard* (difícil). Fernando Henrique usou a expressão de Krugman para ironizar jargões usados por economistas:

— Hoje quando não sabem o que acontece, as pessoas falam em inglês. Antes era em latim.

Apesar da visão mais positiva, ele reconheceu a existência de problemas ao abordar

questões internas. Qualificou como "ameaça à estabilidade fiscal do país" a correção de perdas do FGTS em planos econômicos do fim dos anos 80 e começo dos 90, cujos processos estão sob análise do Supremo Tribunal Federal (STF). Lembrando frase que ouviu do ministro Pedro Malan, para quem "o problema do Brasil não são as incertezas com o futuro, mas as incertezas do passado", afirmou:

— Essa decisão sobre o FGTS é uma incerteza do pas-

sado, é um esqueleto que herdamos, uma conta fictícia, produto da irresponsabilidade do passado e da inflação.

O presidente lembrou que o Governo foi derrotado em milhares de ações contestando as perdas do FGTS e disse que se não fosse a ação da Advocacia Geral da União de centralizar a questão no STF, a conta, que se estima em R\$ 40 bilhões caso o Governo seja derrotado no Supremo, chegaria a R\$ 70 bilhões. Mesmo considerando uma ameaça ao equilíbrio das contas públicas, Fernando Henrique disse que acatará sem contestar a decisão do STF.

## FH quer critérios para concessões de serviços públicos

Dizendo-se contrário à concessão indiscriminada dos serviços públicos de saneamento básico à iniciativa privada, o presidente afirmou tratar-se de matéria essencial a regulamentação desses processos, cujo projeto de lei tramita no Congresso.

— Não é o apetite pelo dinheiro fácil das concessões que vai resolver os graves problemas do povo nas áreas de saneamento e água — disse.

O ministro do Desenvolvimento, Alcides Tápias, afirmou que a economia tem que se centrar no desenvolvimento das cadeias produtivas e não mais em empresas e produtos específicos. Segundo ele, os países que dominam o comércio mundial priorizaram ações em políticas setoriais de longo prazo e o Brasil precisa seguir essa receita. ■